

Estamos comemorando nesta data o primeiro centenário da morte de um benemerito do Paraná, de um dos desbravadores de terras de nosso Estado.

Queremos reter-nos ao Dr. Jean Maurice Faivre. Figura de invulgar expressão na época em que viveu, e quasi um desconhecido para os homens de nossa geração.

E trata a bibliografia a respeito de illustre medico. Algumas referencias na obra de Romário Martins — "Quantos somos e quem somos"; outras em um "Esbôço da História de Guarapuava", de autoria de Eurico Ribeiro, publicado no "Almanaque dos Municípios", em sua edição comemorativa do Centenario de nossa emancipação politica (1922); uma conferencia realizada em 1936, no Circulo de Estudos Bandeirantes, pelo nobre contrerrâneo Joaquim Antunes de Almeida; um artigo assinado pelo Dr. Alfredo Nascimento, em Setembro de 1937, Estes dois ultimos trabalhos publicados em Boletim do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, foi tudo quanto pudemos ler sobre o Dr. Jean Maurice Faivre.

Combinando aquilo que pudemos encontrar, e, prestando uma sincera homenagem ao espirito empreendedor do Dr. Faivre, tentaremos, com a brevidade possivel, dar a conhecer alguma coisa da vida do fundador da Colonia Tereza, nos invios sertões do Ivaí.

Em uma aldeia do Departamento do Jura — Combe-Baillard —, na fronteira franco-suíça, nasceu Jean-Maurice Faivre, no dia 21 de Setembro de 1795. De sua meninice e adolescência, de seus estudos, nenhuma noticia chegou até nós. Sabe-se, somente, que ele doutorou-se em medicina pela Universidade de Paris, vindo para o Rio de Janeiro, onde chegou em 1826, criando fama de bom medico, altamente humanitário.

Foi medico do Hospital Militar da Corte, tendo a seu cargo uma das enfermarias de clinica medica.

Em 28 de Maio de 1828, unido a quatro grandes e abnegados colegas — Luiz Vicente de Simoni, José Martins da Cruz Josim, Joaquim Cândido de Sousa Meireles e José Francisco Xavier Sigaud — deu organização a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, nos moldes da sociedade ja existente em Paris. A Sociedade foi constituída definitivamente no dia 30 de Junho do mesmo ano, contando ezesete membros fundadores.

Oficializada por Decreto de 8 de Maio de 1935, com o nome de Academia Imperial de Medicina, trocou a designação de "Imperial" para "Nacional", após a proclamação da Republica — é a atual Academia Nacional de Medicina.

No ano de 1830, fazia o Dr. Faivre parte da comissao de consultas gratuitas aos pobres, instituida pela reterida Sociedade. Inúmeros pareceres e relatorios tornam por ele apresentados nas sessões realizadas naquela Instituição.

Entre os trabalhos acima citados, salienta-se um relatório sobre as aguas termais de Caldas Novas, em Goiás, tias como eficazes na cura da lepra. Para isso, percorreu os sertões da longínqua provincia, observando doentes, autopsiando cadáveres, resultando de tudo isso a não confirmação da pretendida ação curativa das referidas aguas.

Por estes e outros trabalhos prestados pelo Dr. Faivre, foi o mesmo agraciado pelo imperador D. Pedro II, a 2 de Dezembro de 1844, com o titulo honorifico de Cavalleiro da Ordem de Cristo.

Foi o Dr. Faivre um dos medicos assistentes quando, em 1838, adoeceu mortalmente o Patriarca de nossa independencia, José Bonifácio de Andrada e Silva, e teve a honra de, com outros academicos, conduzir a urna funerária do grande brasileiro, do caes Faroux à Igreja do Carmo, onde ficaria exposto o cadáver até o dia da partida para São Paulo.

Em data para nós desconhecida, casou-se o Dr. Faivre com a Sra. Dona Ana Taulois, cuja beleza o cativara e que, pouco tempo depois, veio a falecer, após o nascimento de sua filha Maria, também falecida logo após seu nascimento. Assim, ficou Faivre duplamente contristado, vendo abrirem-se duas sepulturas: uma para aquela a quem dera seu coração, e, outra para o fruto de seu grande amor.

Esse o marco que dividiu sua vida em dois periodos: o da alegria e esperança, e o da saudade e tristeza. Nunca mais aos seus lábios aflorou um sorriso. Sua frente, embora ainda moça, mostrou sempre um quê de amargura e tristeza.

UM BANDEIRANTE FRANCÊS

João Alves dos Reis Do C. C. "Euclides da Cunha"

Data de ai sua vida de constantes peregrinações pelos sertões brasileiros, no transcurso das quais veio parar nas margens do rio Ivaí, em território pertencente à futura Provincia do Paraná.

Todos sabemos das transformações por que passou o Brasil com a vinda para o Rio de Janeiro da Família Real Portuguesa, em 1808, especialmente no que se refere à politica imigratória.

O Brasil, que era fechado para quem não fosse português, começou a receber imigrantes de outras nacionalidades, especialmente suíços e alemães, que vieram para fundar colônias no sul de nosso país. Promovidas pelo Estado, fundaram-se quatro colônias, logo depois emancipadas, e que foram: as de Santo Agostinho no Espírito Santo, em 1812; Leopoldina na Bahia, em 1818; Nova Friburgo no Rio de Janeiro, em 1819; e São Leopoldo no Rio Grande do Sul, em 1824.

Dessa data até 1846, a colonização passou para a iniciativa das provincias que procuraram, nem sempre com bons resultados, colonizar seus respectivos territórios. De 1846 a 1860, passou a colonização para a iniciativa particular, subvencionada pelos governos Imperial e provinciais.

Foi nesse último ano, de 1846, que o Dr. Faivre, com assentimento do imperador D. Pedro II, e doação feita pela imperatriz, dos terrenos nos quais, a conselho do Barão de Antonina, dever-se-ia instalar uma colônia, foi à França buscar vinte e cinco famílias, num total de sessenta e três pessoas de todas as idades, cuja relação, fornecida pelo Sr. Melchior Kramp, consul brasileiro em Antuérpia, naquele ano, encontra-se no Arquivo Público da Cidade de São Paulo.

Do que foi a viagem dos denodados colonos muito bem a descreveu Antunes de Almeida, em artigo transcrito no Boletim do Instituto Histórico e Geográfico, que abaixo transcrevemos:

"Embarca em Antuérpia em 24 de Dezembro de 1846, a bordo da nau hamburguesa FIDES, do comando do Capitão Kloster. Marea por cincoenta dias de boa viagem, rumo a Paranaaguá. Desembarcação ali a embarcação pelas autoridades portuarias, segue para a vila de Antonina, onde desembarca dois dias depois. Prepara-se, Marcha. Assoma a Serra do Mar. Transpoe os Campos Gerais, ao rumo do oeste. Depara-se-lhe, desde logo, o emaranhado da mata virgem. Entram em ação toices e machados dos franceses. Naquella tolice a marcha cotidiana. Avança sem esmorecimento a gente gaulesa. Transpõe rios e riachos por vizes extravagantes, ou horribles sumidouros. Arrisca perigosos pousos. Fogo grande e ronda leveza. As feras rondam o acampamento, espam os animais à sogá. Os cães dão sinal de alarme. O rouquido de um facho. O Homem e a Fera estão a espreitar-se. Ouve-se, de repente, um estampido, um uivo, um baque, e o felino tomba vencido pela clavina francesa. Em compendio a aurora, o naturalista se põe de pé e vai ver o animal abatido. Despede a preciosissima pele. Levanta acampamento. Prossegue. Alem, mata linda ave, espécime desconhecido. Evicera-a, prepara-lhe o corpo com os cuidados que demanda a ciência e o acondiciona no cargueiro museu. Chega a jornada a seu termino. É a última jornada da caravana de Faivre. Ela chegou, ao pôr do Sol, à margem direita do grande Ivaí. Arma abarracamento. Roça e derriba, lassa e descasca, lava e quadrangua, serra e desdobra — arma e constrõe abrigos. Planta a cruz e o templo dos cristãos. Abrem-se de par em par as portas da escola primeira. Sem tardança assiste o espetaculo tragi-maravilhoso das queimadas, inédito para o estrangeiro. Semeia e, logo, verdejam claro as plantas novas dos quadriláteros roceiros, nas inclinações das terras boas. Anima-se a colmeia humana. Ao final do período vegetativo, amarela-se a seara e vem a colheita animadora dos primeiros e dourados grãos. Dentro em pouco estão a gemer as moten-das impelidas pelas cernelhas possantes da junta de bois. A arena pacifica se torna lustrosa pelo apisoado. Já há caldo de cana, melado, rapadura e açúcar mascavo para o consumo e os preciosos cereais enchem os paiois. A Colônia progride, mercê da fertilidade das terras e da administração sadia e honesta."

Foi assim fundada a Colônia Tereza,

núcleo da atual vila de Tereza Cristina, no Município de Cândido de Abreu, no interior do paranaense.

E seu fundador? O Dr. Jean Maurice Faivre deu quasi dois lustros de sua vida em holocausto da civilização de nosso querido Brasil. Enquanto viveu, trabalhou pelo progresso de sua colônia.

Não somente sua colônia foi objeto de suas atenções. Em toda redondeza, atingindo as cidades de Guarapuava e Ponta Grossa, sentia-se, na época, a influencia do grande medico e colonizador. Em sua promissão, levava, sem cobrar, os cuidados medicos a qualquer pessoa, independente de cor ou religião. Como colonizador, procurou ligar sua colônia por uma estrada carroçável até Ponta Grossa, e, por um caminho de cargueiros, transpoe a Serra da Esperança, para atingir a cidade de Guarapuava. Constantemente viajava ate Curitiba, a fim de conseguir, com o governo da novel provincia do Paraná, os recursos necessários para a manutenção da colônia que fundara. E todos o recebiam com carinho, pois sabiam-no bom, caritativo, e, acima de tudo, um abnegado em todos os trabalhos que lhe eram afetos.

Mas, chegou o dia 30 de Agosto de 1858. A Colônia Tereza encontrava-se constribada porque seu querido chefe estava acamado, atacado, talvez, das febres endêmicas que grassavam na região do Ivaí. Não resistiu o grande medico a profunda molestia. E, exatamente há cem anos, morria, sendo pranteado por todos os que o conheciam. Seu túmulo, a margem do Ivaí, é desconhecido, mas, sua memoria e cultuaga em nosso Estado, como um dos maiores propugnadores de seu progresso.

Seu necrológio? Não estamos em condições de fazê-lo. Melhor do que isso, falarão aqueles que com o Dr. Faivre viveram, que toram seus amigos.

O presidente da Provincia do Paraná, na época, Dr. Antônio Lustosa de Andrade, fez-lhe o panegirico nas paginas do "Dezenove de Dezembro", jornal que se editava em Curitiba:

"A morte acaba de ceifar uma grande vida... A nobreza da alma que transuzia das ações do virtuoso ancião, a sua abnegação as coisas deste mundo, o seu elevado amor a humanidade, eram qualidades que tornavam distintas a personalidade do Dr. Faivre e que faziam dele um tipo, uma originalidade, na época em que as ambições têm pervertido os mais belos caracteres... Retirou-se do buio da sociedade, gastou toda sua fortuna na realização de sua ideia predileta... Os sertões do Ivaí viram esta fronte esclarea arrostar inúmeras dificuldades, suportar privações de todo gênero... O Ivaí encara o seu passamento e nós, em religioso recolhimento, tributamos o maior respeito à sua memória e, em sinal da amizade, que em vida lhe consagramos, desfolhamos goivos no túmulo do homem nonrado e virtuoso."

Do mesmo periódico extrairmos o que lhe foi dedicado pelo Engenheiro Gustavo Rumblesperger, seu ajudante nos trabalhos da colônia e, mais tarde, seu sucessor no mesmo trabalho:

"O dia 30 de Agosto foi sobremodo deplorável para a Colônia Tereza, pela perda de seu digno Diretor. A morte inexoravel veio interromper a penosa tarefa que o benfazejo Dr. Faivre tinha-se imposto e ia cumprindo, dedicando-se sem reserva para o bem de seus semelhantes. Os habitantes da Colônia, penetrados de legítimos pesares, assistiram com profundo respeito os singelos funerais do seu diretor; eles esperam da simpatia daqueles que tiveram a felicidade de conhecê-lo, que os acompanhem em seus sentimentos. Os sertões do Ivaí cobrem com suas sombras espessas o corpo inanimado desse homem, outrora robusto, inteligente e perseverante, que empregou toda sua vida em beneficio da humanidade. Mas, a alma do justo apresentou-se radiosa ao Criador. — Assim soit-il!"

Do mesmo jornal que publicou os artigos precedentes, extrairmos uma nota anônima: — "O mundo, o gênero humano, seriam felizes se em cada espaço de vinte ou trinta léguas se encontrassem homens com as qualidades deste."

Assim nos aproximamos ao fim desta singela palestra. Não nos pudemos furtar de recordar a vida de Jean Maurice Faivre, o medico colonizador, pelo muito que

ele fez para o nosso Estado, abrindo à civilização os longínquos (naquella época) sertões do rio Ivaí.

Do mesmo modo que os bandeirantes do século XVII e XVIII, Faivre desorvou, fundou povoação, abriu estradas, incorporando a nossa grande patria, um caráter efetivo, o sertão que se encontrava abandonado.

Por esse motivo dei a esta palestra, a esse pequeno trabalho, o titulo de "Bandeirante Francês", pois ele bem merece ser colocado no mesmo nivel dos nossos vadores de nossos sertões.

Muito homenagem tem sido o Dr. Faivre no Paraná. Mas, hoje, na data centenaria da sua morte, devemos graças ao Criador por ter-nos dado o privilegio de conhecer alguma coisa de sua vida, e, procurarmos, seguindo a senda do grande frances, levar o Brasil ao ponto por ele desejado.

Ao Dr. Jean Maurice Faivre o nosso preito eterno de gratidão.

Ponta Grossa, 30 de Agosto de 1958

— O O O —